

CORONAVÍRUS

DIÁRIO  DA QUARENTENA, 26

Vou licenciar-me virtualmente, sem rituais de passagem



Leonor Castelo

Na segunda-feira, dia 9 de março, após a aula das 8h, percorri os corredores da Clássica, sem imaginar que era a última vez que o fazia enquanto aluna. Foi só à noite que recebemos a notícia de que a Universidade de Lisboa tinha encerrado as atividades presenciais.

Por estes dias, acordo com os mimos da família. Antes da quarentena quem me acordava era o despertador. Levanto-me, passo pela sala, onde uns trabalham e outros estudam, e arrumo a cozinha.

Agora vou licenciar-me virtualmente, sem direito a rituais de passagem. Como eu, uma amiga que estudava no Reino Unido regressou sem se despedir da casa onde viveu os últimos três anos. Um amigo paga renda em Milão, para que não despejem os seus pertences, e assiste às aulas italianas em Lisboa. Pior do que nós está a minha prima prestes a terminar o secundário, sem saber como se preparar para os exames. Sentimos que nos tiraram o tapete. Chama-se suspensão de garantias.

Não é que a covid-19 seja uma vingança da natureza contra nós, a verdade é que o vírus se espalha alheado da humanidade, cabendo apenas aos governos preocuparem-se conosco. Sair torna-se fundamental, ainda que os passeios higiênicos sejam assombrados pelo medo que alguém me tussa em cima, tocar no que não devo ou ser julgada por não #ficaremca. Respirar a maresia é o segredo para aturar as manias, que com o confinamento se tornam insuportáveis, das pessoas que mais amamos.

Recordo-me da greve climática estudantil, no dia 29 de novembro de 2019, em que exigíamos que o estado declarasse emergência climática. Desabafava que se conseguíssemos o que queríamos, para ser eficaz, implicaria vivermos de acordo com a noção de liberdade positiva, de Isaiah Berlin. Situação que imaginava semelhante a uma ditadura, pois o desmantelamento do capitalismo significaria acabar com a vida como a conhecíamos. Verificamos agora a velocidade a que uma crise económica apocalíptica se instala. Fomos rápidos a adaptarmo-nos a

esta situação, mas as estruturas sociais e económicas não estavam preparadas. A cultura, no entanto, subsiste, apesar de gratuita para todos. Espero que quando isto acabar mostremos a nossa gratidão à arte que nos salvou, à música que melhorou os nossos dias, aos filmes que nos fizeram escapar à realidade e aos livros que nos encheram com outras vidas.

Apesar disso, a ideia de que a quarentena é um retiro espiritual é uma romantização que chega a ser ridícula. Confesso que sonhei muitas vezes com o dia em que me exilava da cidade, ia para um pedaço de terra deserto onde pudesse dedicar-me apenas à criatividade e a mim. Apenas um sonho, porque sabia que o resto da vida não ficaria em espera, à minha espera. E agora todos temos a vida interrompida e parte de mim teme já não saber voltar ao normal. A incerteza do que será o novo normal é ainda mais sufocante.

Estudante de Línguas e Literaturas